



BOLETIM **CULTURAL**

VILA NOVA DE FAMALICÃO

Boletim Cultural

Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão



III série | nº6/7

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão

DIRECTOR

Armindo Costa
Presidente da Câmara Municipal

DIRECTOR ADJUNTO

Paulo Cunha

COORDENADOR

Artur Sá da Costa

CONSELHO CONSULTIVO

Amadeu Gonçalves, António Joaquim Pinto da Silva, António José Queiroz, Armando Coelho Ferreira da Silva, Artur Sá da Costa, José Agostinho Pereira, Norberto F. Cunha

COLABORAM NESTE NÚMERO

António Joaquim Pinto da Silva, Angel Villa Valdás, Armando Coelho Ferreira da Silva, João Machado, Rui Lobato, Gongalo Cruz, José Antunes, Teresa Costa, Alvaro Brito Moreira, João Mendes Ribeiro, Isabel Drumont de Braga, Pedro Gomes Barbosa, Artur Sá da Costa, Paulo Costa Pinto, José Manuel Lopes Cordeiro, José Manuel Lages, Mariana Jacob Teixeira, António Gonçalves, Varico da Costa Pereira, Manuela Granja, Nelson Pereira, Paulo Campos Pereira, Carlos Mota, Dália Paulo, Joana Almeida Ribeiro, Júlio Machado Vaz, João Medina, Artur Ferreira Coimbra, Paulo Eduardo Guimarães, António José Queiroz, Ernesto Castro Leal, José Amado Mendes, Amadeu Gonçalves, Norberto Ferreira da Cunha, Paula Lamego, Rogério Bruno Guimarães Matos, Paulo Alexandre Campos Sampaio Correia, Joana Teresa Ribeiro do Couto, Isaura Costa, José Agostinho Pereira, António Freitas (fotógrafo)

SECRETARIADO

Alexandrina Costa

EXECUÇÃO GRÁFICA

SerSilito – Maia

TIRAGEM

500 exemplares

ISSN

0871-3308

DEPÓSITO LEGAL

22605/90

Saudação 9
Armindo Costa

Editorial 11
Artur Sá da Costa

I – História Local

Centenário da República (1910-2010) 19
Homenagem à 1ª vereação republicana municipal
Artur Sá da Costa e António Joaquim Pinto da Silva

Fac-simile do auto de proclamação da República em Vila Nova de Famalicão 33

Fac-simile do auto de posse da Comissão Administrativa da Câmara Municipal
(Acta n.º 1) 39

Da casa do Foral aos 50 anos dos Paços do Concelho de Vila Nova de Famalicão 43
António Joaquim Pinto da Silva

II – Seminário: Monumentos Balneários do noroeste peninsular – da proto-história à Idade Média

Las saunas castreñas: Santuários Urbanos en la Protohistoria Cantábrica 57
Angel Villa Valdés

Balneários Castrejos: Do Primeiro Registo à Arqueologia Experimental 79
Armando Coelho Ferreira da Silva, João Machado, Rui Lobato

Algumas considerações em torno dos balneários da Citânia de Briteiros 89
Gonçalo Cruz, José Antunes e Teresa Costa

O balneário castrejo do Monte Padrão, Santo Tirso 97
Álvaro Brito Moreira

Projecto de valorização, reabilitação e conservação das termas romanas de
S. Pedro do Sul. Programa de trabalhos, metodologia e conceito de intervenção 125
João Mendes Ribeiro

III – Seminário: Os Novos caminhos da história local e regional – 30 anos de Boletim Cultural

- Antigas e Novas Revistas de História Local e Regional: Objectivos e Alcances 137
Isabel Drumont de Braga
- A universidade e os municípios: história de uma colaboração 149
Pedro Gomes Barbosa
- B.C. – continuidades vs. descontinuidades 155
Artur Sá da Costa
- Índices (temático e de autores) da I e III série do Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão 161
Amadeu Gonçalves

IV – Seminário: Rede de Museus. Território. Identidade. Património

- O Castro das Eiras no contexto da Cultura Castreja e da Rede de Castros do Noroeste do Noroeste Peninsular 193
Armando Coelho Ferreira da Silva - Paulo Costa Pinto
- Museu da Industria Têxtil da Bacia do Ave: um percurso de 25 anos 207
José Manuel Lopes Cordeiro
- O Museu da Guerra Colonial – Breve História da Guerra Colonial 217
José Manuel Lages
- O Museu da Guerra Colonial e os Museus Militares 221
Mariana Jacob Teixeira
- O Centro de Estudos do Surrealismo
Rede de Museus e Centros de Arte Contemporânea 231
António Gonçalves
- Museus de arte sacra e turismo religioso: O caso de Vila Nova de Famalicão 233
Varico da Costa Pereira
- Vida e história do Museu de Cerâmica 245
Manuela Granja
- Gestão Integrada do Património Cultural no concelho de Vila Nova de Famalicão.
O caso prático da freguesia de Gondifelos 257
Nelson Pereira e Paulo Campos Correia

	Conservação de Museus	273
	<i>Carlos Mota</i>	
Design para os museus: os museus enquanto objectos desenhados		279
	<i>Francisco Providência</i>	
A Rede de Museus do Algarve – reflexão e acção museológica		289
	<i>Dália Paulo</i>	
Museus de Famalicão – justificar-se-á a criação de uma rede?		299
	<i>Artur Sá da Costa</i>	
O Museu dos Caminhos de Ferro de Lousado e os seus Públicos		323
	<i>Joana Almeida Ribeiro</i>	
Dois Núcleos (Lousado e Nine). Um Museu: Museu Ferroviário do Minho		371
	<i>Artur Sá da Costa</i>	
Rede Museológica Municipal – Declaração de Princípios		381

V – Museu Bernardino Machado – Centenário da I República

	Culto privado	395
	<i>Júlio Machado Vaz</i>	
Rafael Bordalo Pinheiro, Criador do Zé Povinho		401
	<i>João Medina</i>	
A contra-revolução monárquica e a figura de Paiva Couceiro (1911-1919)		407
	<i>Artur Ferreira Coimbra</i>	
A questão operária na I República: historiografia e memória		421
	<i>Paulo Eduardo Guimarães</i>	
Alternativas à esquerda na I república: a Esquerda Democrática		431
	<i>António José Queiroz</i>	
Os partidos políticos republicanos: uma perspectiva histórico-política (1910-1926)		441
	<i>Ernesto Castro Leal</i>	
Industrialização e sociedade na I República: conflito de interesses		457
	<i>José Amado Mendes</i>	
Ética e República. O cidadão ideal		465
	<i>Amadeu Gonçalves</i>	

A “nova alvorada”: o espírito comemorativo republicano
(1891-1899) 473
Amadeu Gonçalves

José Relvas e Bernardino Machado (Correspondência) 479
Norberto Cunha

VI – Património Cultural

Reflexão para um *itinerário cultural de arquitectura, (made in)dústria*
Riba d’Ave e Oliveira de S. Mateus 489
Rogério Bruno Guimarães Matos; Paulo Alexandre Campos Sampaio Correia;
Joana Teresa Ribeiro do Couto

As pontes e os núcleos molinológicos na definição da malha viária sobre o Ave
– Vila Nova de Famalicão / Trofa 495
Rogério Bruno Guimarães Matos

VII – Informação Cultural 507

Isaura Costa e José Agostinho Pereira

Reflexão para um *itinerário cultural de arquitectura, (made in)dústria* Riba d'Ave e Oliveira de S. Mateus

por Joana Teresa Ribeiro do Couto¹; Paulo Alexandre Campos Sampaio Correia²;

Rogério Bruno Guimarães Matos³

Resumo: A seguinte reflexão pretende, em primeiro lugar, contextualizar do ponto de vista histórico e geográfico um dos mais importantes focos de desenvolvimento industrial do Concelho de Vila Nova de Famalicão. Após esse enquadramento irá demonstrar o carácter inovador e peculiar que envolveu o processo de Industrialização da freguesia de Riba de Ave, que se transformou num caso único no País. Perante o conjunto de valores sociais, culturais e arquitectónicos que revestem este caso de estudo, entendemos apresentar uma reflexão para um itinerário que desperte o interesse turístico, promova e dinamize a cultura e a economia local e regional.

1. Contexto histórico e geográfico de Vila Nova de Famalicão (concelho) e Riba de Ave (vila)

O concelho de Vila Nova de Famalicão situa-se no noroeste de Portugal Continental, mais precisamente no distrito de Braga, numa região apelidada de Baixo Minho. Encontra-se confrontado a Norte pelo concelho de Braga, a Este pelo concelho de Guimarães, a Oeste pelos concelhos de Barcelos, Póvoa de Varzim e Vila do Conde e ainda no quadrante Sul pelo rio Ave. É um concelho de grandes dimensões, possuindo uma superfície de 209 km², distribuído por 46 freguesias e 3 vilas. Todo o território encontra-se dominado pelo verde dos campos e das florestas, e pelo azul das imensas linhas de água que circulam por todo o concelho, vindo quase todas desaguar no rio Ave. São estas características ímpares que predominam no concelho de Vila Nova de Famalicão e que levaram a que este espaço territorial fosse habitado desde a Idade do Ferro, como comprovam os vestígios arqueológicos e os diversos castros que se situam nos pontos mais altos do concelho famalicense.

A concessão da carta de foral em 1 de Julho de 1205 e a conseqüente formação do concelho de Vila Nova de Famalicão, que à época não passava de um pequeno reguengo régio com 40 habitantes, possibilitou o crescimento e desenvolvimento populacional, territorial, económico e social de Vila Nova de Famalicão, o que lhe proporcionou ser cabeça de julgado, ou seja, a terra mais importante do Julgado de Vermoim. Contudo, todo o Julgado de Vermoim, incluindo Vila Nova de Famalicão, viria a ser integrado no vasto território do condado de Barcelos. Essa anexação ocasionou a perda de algum poder e, deste modo, de um maior desenvolvimento de Vila Nova de Famalicão durante o tempo em que se manteve anexada ao Condado de Barcelos.

Em meados do século XVIII, Vila Nova de Famalicão começou a manifestar interesse em se desanexar do condado de Barcelos, fazendo várias exposições, tanto à Câmara Municipal de Barcelos como ao Monarca, relatando que o surgimento de um novo concelho iria desenvolver a região, mas a resposta foi sempre negativa.

¹ Licenciada em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Lusíada e Investigadora do Centro de Estudos Arnaldo Araujo da Escola Superior Artística do Porto.

² Licenciado em História e Mestre em História e Património – ramo Mediação Patrimonial pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

³ Licenciado em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Lusíada e Mestre em Metodologias de Intervenção no Património Arquitectónico pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Só em 1835, já em pleno século XIX, é que Vila Nova de Famalicão, aproveitando a nova Divisão Judicial do reino se tornou um concelho independente. Embora a cidade, a partir de 1835, se tenha desenvolvido, muito à custa da sua privilegiada posição geográfica que tornava Vila Nova de Famalicão um ponto de passagem obrigatório para quem quisesse ir para Braga, Guimarães, Póvoa de Varzim, Santo Tirso, Vila do Conde, Vila das Aves, Trofa, Viana do Castelo, etc., só em 1985 é que Vila Nova de Famalicão foi elevada a cidade. O facto de ter passado 150 anos, desde a fundação do concelho até à elevação da vila a cidade, leva-nos a questionar o porquê de uma terra com imensos recursos naturais, humanos e infra-estruturais, associada a uma posição geográfica privilegiada, não se ter tornado mais cedo cidade. Algumas das respostas podem ser encontradas em Riba de Ave.

Riba de Ave embora sendo uma pequena vila situada na margem esquerda do rio Ave, no limite Sudeste do concelho de Vila Nova de Famalicão, possuindo uma área de superfície de apenas 2,83 km², foi ao longo de quase todo o século XX (perdendo pujança a partir da década de 80), o coração da indústria têxtil do concelho de Famalicão. Importa referir que a concentração de indústrias têxteis no Vale do Ave iniciou-se por volta da década de 90 do século XIX, quando as unidades têxteis situadas nos principais pólos urbanos sentiram necessidade de se deslocarem para as periferias e viram na bacia hidrográfica do Ave uma zona de excelência para a sua implantação. Por um lado, os imensos cursos de água existentes por toda a região necessários para determinados segmentos da produção, para o aproveitamento das energias hídricas e o caminho-de-ferro recém-instalado, por outro, a longa tradição que aí existia do fabrico artesanal de tecidos de linho apoiado pelos moinhos e azenhas que, ao longo das margens do Ave, constituíam à época os únicos sistemas de transformação e produção de matérias-primas. Isso levou à instalação de inúmeras fábricas no mesmo local onde existiam esses moinhos e azenhas. Estavam, assim reunidas todas as condições para se estruturar um “espaço-território”, organizado em rede e favorável ao desenvolvimento da indústria.⁴

2. Narciso Ferreira: empreendedor e benemérito do Vale do Ave

Como afirmamos anteriormente, a vila de Riba de Ave foi um dos espaços que mais beneficiou com o surgimento, em grande escala, da indústria têxtil no Vale do Ave. Basta lembrarmo-nos de que nos inícios de 1890, Riba de Ave não passava de uma pequena freguesia rural, com 552 habitantes, distribuídos por 126 fogos, onde as principais actividades económicas se revestiam na prática da agricultura, da pecuária e da moagem⁵. No entanto, ao longo da década de 90 tudo se alterou, muito por culpa de um único homem, de seu nome Narciso Ferreira.

Narciso Ferreira nasceu em 7 de Julho de 1862, na freguesia de Pedome, do mesmo concelho de Vila Nova de Famalicão. Desde muito novo começou a aprender a arte da tecelagem, numa oficina como tecelão. Em 1881, com 19 anos, já possuía dois teares na sua casa de Pedome, vendendo os produtos que produzia nas feiras das freguesias e cidades vizinhas e na cidade do Porto, onde conseguiu clientes assíduos que lhe compravam os tecidos. O empreendedorismo e a visão pioneira de Narciso Ferreira começavam, assim, a dar os primeiros passos. Depois de se casar em Riba de Ave, procedeu à instalação nessa freguesia de uma oficina, por volta de 1890, junto ao curso do rio onde, para melhor aproveitamento da energia hídrica, estabeleceu uma queda de água. Nessa oficina chegou a possuir 19 teares mecânicos, especializando-se nos produtos

.....
⁴ ALVES, Jorge Fernandes – Fundação Narciso Ferreira – Indústria e Obra Social na Têxtil Nortenha. In O Tripeiro, 7ª Série, Ano XV, Nº 8, pp. 242-248. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1189.pdf>. Consultado em 20 de Maio de 2012.

⁵ ALVES, Jorge Fernandes – *Ob. Cit*,

de “riscados fortes”. Em 1894 consegue formar sociedade com alguns negociantes e capitalistas da cidade do Porto (Manuel J. Oliveira, José Augusto Dias, Eng.º Ortigão Sampaio e J. Fernandes Machado), sociedade que só ficou legalizada em 1896, com o surgimento da fábrica Sampaio, Ferreira & C^a, em Riba de Ave⁶.

Esta sociedade permitiu à fábrica dar um salto qualitativo e quantitativo, passando a possuir, em 1910, 200 teares mecanizados, com fiação, acabamentos, oficinas de manutenção e renovação de equipamentos e ainda de uma escola para formação de técnicos, além de albergar uma população operária de 846 trabalhadores⁷. Se nos lembrarmos que em 1890 a população de toda a freguesia de Riba de Ave contava com 552 habitantes, passados 20 anos, só uma única fábrica ultrapassava esse número habitacional. Estes números dão a ideia do movimento populacional originado pela actividade industrial numa pequena localidade.

A partir desta unidade industrial em Riba de Ave, Narciso Ferreira instalou outras por todo o concelho de Vila Nova de Famalicão, nomeadamente em Bairro (Empresa Têxtil Eléctrica – 1905), possuindo ainda participações em inúmeras fábricas têxteis. Além da aposta na produção têxtil, Narciso Ferreira foi um pioneiro no aproveitamento hidroeléctrico, pois a Empresa Têxtil Eléctrica terá sido a primeira fábrica do país a mover-se com este tipo de energia. Essa aposta ganha levou Narciso, juntamente com outros industriais e capitalistas, a fundarem a Companhia Hidroeléctrica de Varosa, em Lamego, por volta de 1907.

Este dinamismo industrial, aliado à capacidade de produzir riqueza, criar emprego e desenvolver o concelho, levaram Narciso Ferreira à presidência da Associação Comercial e Industrial de Vila Nova de Famalicão e até mesmo à presidência da Câmara Municipal Famalicense. Foram-lhe ainda entregues as grã-cruzes da Ordem de Mérito Agrícola e Industrial e da Ordem de Benemerência⁸.

No entanto, o pioneirismo de Narciso Ferreira não se deu só na actividade industrial, como referimos anteriormente. Muito do mérito e reconhecimento que lhe é atribuído deveu-se à enorme obra social realizada em Riba de Ave. Obra essa que, após a sua morte em 1933, foi continuada pelos seus filhos, Delfim e Raúl Ferreira.

Sempre atento às necessidades dos seus trabalhadores (embora muitos viessem das freguesias e concelhos vizinhos, a maioria já residia ou passou a residir em Riba de Ave), Narciso Ferreira construiu um conjunto de infra-estruturas e equipamentos com o objectivo de proporcionar aos seus trabalhadores e à pequena localidade, que face ao desenvolvimento da indústria têxtil funcionou como um pólo agregador, todas as condições para a população aí viver e trabalhar, sem a necessidade de se deslocarem à sede do concelho. Em suma, esses edifícios suportavam as mais elementares necessidades humanas tais como: a habitação, a saúde, o ensino, a segurança pública, a cultura, a espiritualidade, o convívio, os serviços e comunicações, como também o comércio. Estamos assim na presença de um conjunto de equipamentos que só encontramos nas grandes cidades ou nas sedes dos concelhos. Riba de Ave, embora não sendo cidade nem sede de concelho, passou a conter um conjunto de infra-estruturas e equipamentos

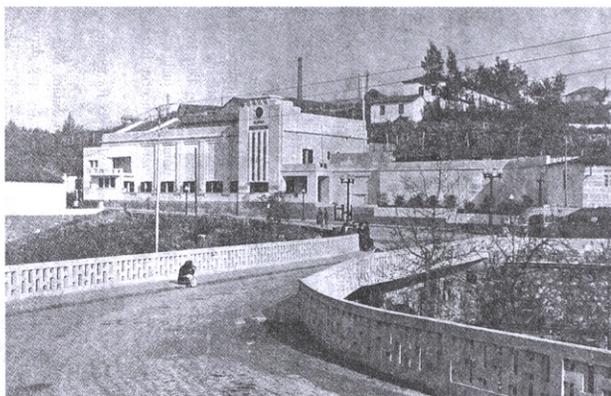


Fig. 1. Ponte sobre o Ave e Cineteatro Narciso Ferreira;

Fonte: «Vila Nova de Famalicão e as suas indústrias, comércio, profissões liberais e agricultura».

⁶ ALVES, Jorge Fernandes – *Ob. Cit.*

⁷ ALVES, Jorge Fernandes – *Ob. Cit.*

⁸ ALVES, Jorge Fernandes – *Ob. Cit.*

que não encontraríamos em muitas vilas e mesmo cidades do país naquela época. Podemos até arriscar afirmando que Riba de Ave naquele período seria uma vila mais desenvolvida do que a sede de concelho.

3. Património arquitectónico de Riba de Ave – implementação de um itinerário cultural

Esse empreendedorismo iniciado por Narciso Ferreira no início do século XX e continuado pelos seus descendentes em meados do mesmo século, revelou-se um gesto extremamente inovador para a época, que acelerou o lento desenvolvimento rural da região. O dinamismo pontuado pelos equipamentos modernos espalhados pelas freguesias de Riba de Ave e de Oliveira de São Mateus permitiu criar um núcleo territorial que extravasa o tradicional conceito de Indústria, e se manifesta de forma difusa na malha urbana. Para além da intenção de fixar dignamente a população operária próxima da empresa têxtil, será que existiu uma visão estratégica de construir cidade?

Certo é que os equipamentos construídos em meados do século XX: Cineteatro, Hospital e Capela, Igreja Matriz, Escola-cantina, Externato, Correios, Bombeiros Voluntários, Posto da G.N.R., 1º café de Riba de Ave, Fontenários, Bairro Operário, Igreja, Avenida das Tílias, Estalagem e a pioneira Fundação Narciso Ferreira, espalhados pelo território viriam a ser pontos de desenvolvimento da vila e mesmo da região.

Tendo em conta os valores sociais, históricos e arquitectónicos que revestem este gesto pioneiro e empreendedor levado a cabo por Narciso Ferreira, compete-nos delinear uma estratégia que vise a salvaguarda, protecção e preservação deste legado patrimonial. O estado actual de degradação deste património, como são exemplo os Pavilhões Industriais, o Cineteatro, a GNR e a Casa Delfim Ferreira, justifica em pleno este alerta.

Assim sendo, a estratégia deveria passar pela promoção do património construído numa perspectiva territorial, definindo para isso um *“Itinerário Cultural de Arquitectura, (made In)dústria”* que relacione os edifícios com o conjunto formado por eles. Aspecto fundamental para a percepção da dimensão urbana que está na base do gesto empreendedor de Narciso Ferreira. O *“Itinerário Cultural de Arquitectura, (made In)dústria”*

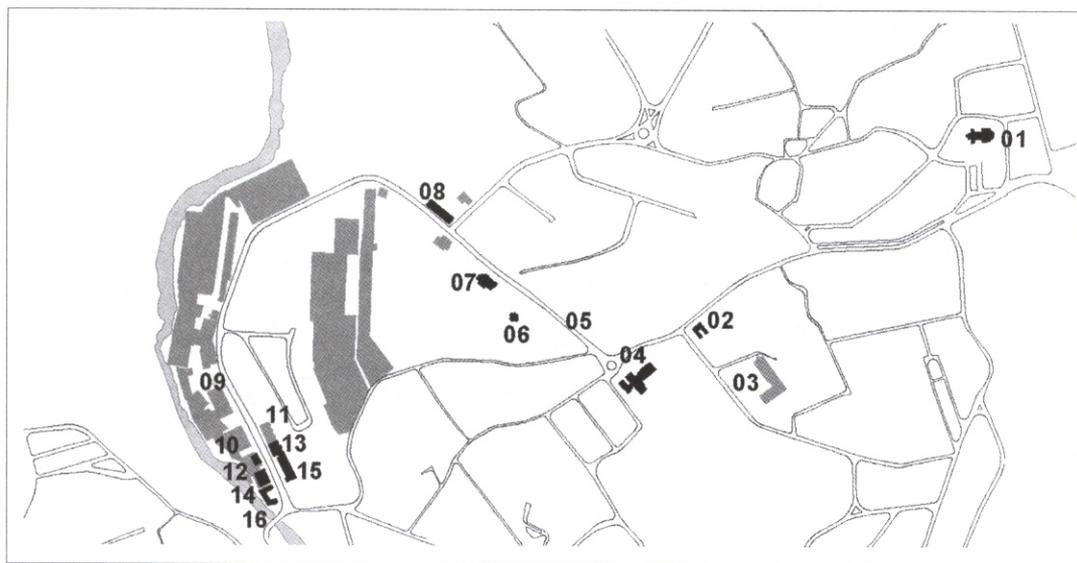


Fig. 2. Planta de Riba de Ave com marcação do Património Arquitectónico passível de integrar o itinerário.

Legenda: 01. Igreja Matriz (1950); 02. Posto da GNR (1910); 03. Externato Delfim Ferreira; 04. Hospital e Capela (1927); 05. Avenida das Tílias; 06. Capela; 07. Casa Delfim Ferreira; 08. Escola Primária (1919); 09. Naves Industriais Narciso Ferreira; 10. Posto dos Correios (1955); 11. Estalagem; 12. 1º Café de Riba de Ave; 13. Fundação Narciso Ferreira; 14. Quartel dos Bombeiros (1950); 15. Cineteatro Narciso Ferreira (1957); 16. Mercado (1950).

visa abordar duas dimensões: a micro escala/edifícios e a macro escala/malha urbana. A fusão da informação que resulta das duas dimensões permite, por um lado produzir conteúdo sobre os edifícios individualmente, por outro planear um traçado geográfico, histórico e arquitectónico do conjunto passível de ser visitável. Para atingir este objectivo torna-se essencial a localização geográfica e cartográfica dos pontos de interesse, quer integrados e enquadrados no mapa do concelho, quer da freguesia. Definir cronologicamente a origem dos edifícios e contextualizar a época do conjunto edificado. Realizar fichas individuais de inventário de cada um dos edifícios que aborde a sua localização, o seu enquadramento com o lugar, e disponibilize dados quantitativos/métricos, estado de conservação/usos, bem como a descrição das características arquitectónicas e construtivas dos edifícios. Em suma, o *"Itinerário Cultural de Arquitectura, (made In) dústria"*, localizado em Riba d'Ave e Oliveira de S. Mateus, permitiria criar informação inédita sobre o património arquitectónico e histórico, bem como promover essa informação no panorama turístico da região.

Bibliografia

- ALVES, Jorge Fernandes; "Fundação Narciso Ferreira – Indústria e obra social na têxtil nortenha"; O Tripeiro; 7ª Série, Ano XV, Nº 8.
- ALVES, Jorge Fernandes; "A indústria têxtil do Vale do Ave". In MENDES, José Amado; FERNANDES, Isabel (Coord.); "Património e Indústria no Vale do Ave. Vila Nova de Famalicão: ADRAVE", 2002, p. 372-389.
- MACHADO, Carlos Sousa; REBELO, Lamarck; "Vila Nova de Famalicão e as suas indústrias, comércio, profissões liberais e agricultura"; Oficinas Gráficas Minerva; V. N. de Famalicão; 1947.
- FERNANDO, Aurélio; "Riba D'ave em terras de entre-ambas-as-aves, monográficos"; Volume I e II. Riba d'Ave: Biblioteca do Externato Delfim Ferreira, 1994.
- MOTA, Jorge Bruno Coelho; "Vila Nova de Famalicão: Oitocentos anos de foral"; Vila Nova de Famalicão: Phrase Editora, 2005.

Sitografia

- <http://www.fnarcisoferreira.org/>
- <http://www.museudaindustriatextil.org/>
- <http://www.ticcih.org/>
- <http://www.museudaindustriatextil.org/appi/>
- <http://www.adrave.pt/>
- http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx
- <http://www.igespar.pt/pt/>
- <http://www.unesco.pt/>
- <http://www.cm-vnfamalicao.pt/>

Cartografia:

Departamento de Urbanismo da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão